

Issn: 1808 - 799X

ano 13, número 22 – 2015

A TERGIVERSAÇÃO DA RELAÇÃO ENTRE TRABALHO (ABSTRATO) E SAÚDE DO IDOSO

Diego de Oliveira Souza¹

Kelysse Donato Cavalcante²

Resumo

Este estudo tem como objetivo compreender a relação entre trabalho e saúde, considerando o caso singular de um grupo de idosos, na perspectiva da totalidade social. Trata-se de estudo qualitativo, realizado por meio de um grupo focal, composto por doze idosos da Associação de Aposentados, Pensionistas e Idosos de Arapiraca/AL. As falas dos participantes foram transcritas, sintetizadas em respostas coletivas, equivalentes às concepções predominantes no grupo e analisadas por meio dos fundamentos teórico-metodológicos de Karl Marx. A análise/discussão das informações está estruturada nos seguintes tópicos 1) O trabalho é o meio de atender as necessidades e, assim, garantir a sobrevivência humana; 2) Redução da vida social ao trabalho, quando criticamos o fato de o trabalho assumir a condição de único fator explicativo para a vida. 3) Implicações para a saúde do ser idoso: bases na exploração/dominação do capital sobre o trabalho, quando podemos observar que, apesar de ser a atividade que confere sentido a vida, o trabalho é compreendido como agente degradante da saúde. Concluímos que a função social do trabalho na idade idosa (tal como ele é no capitalismo) é a de garantir mais uma fonte de extração de mais-valia, conferindo diversas implicações negativas para a saúde do ser idoso, ainda que em meio a um jogo contraditório, no qual existe uma potencialidade de o trabalho contribuir para saúde, uma vez que a totalidade social não seja regida pela relação-capital.

Palavras-chaves: Trabalho; Saúde do Idoso; Capitalismo.

1 Doutorando em Serviço Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Mestre em Serviço Social pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Especialista em Saúde do Trabalhador pela Fatec Internacional. Graduado em Enfermagem pela UFAL. Docente da UFAL, campi Arapiraca, curso de Enfermagem. Endereço: Av. Nossa Senhora de Fátima, n.145, Alto do Cruzeiro, Arapiraca - AL, Cep: 57313-040. E-mail: enf_ufal_diego@hotmail.com

2 Enfermeira graduada pela UFAL, Campi Arapiraca. E-mail: kelysse.donato@gmail.com

Trabalhonecessário

Issn: 1808 - 799X

ano 13, número 22 – 2015

Abstract

This study aims to understand the relationship between work and health, considering the singular case of a group of elderly people, from the perspective of the social totality. This is a qualitative study, developed from the focus group, made with twelve seniors of Association of Retirees, Pensioners and Elderly Arapiraca/AL. The speeches of the participants were transcribed, synthesized in the prevailing conceptions in the group and analyzed by means of theoretical and methodological foundations of Karl Marx. Analysis of information is structured in the following topics 1) The work is the means to meet the needs and thus ensure human survival; 2) Reduction of social life to work, where we criticize the fact that the work assume the condition of single explanatory factor for life. 3) Implications for the health of the elderly population, where the bases are in the exploitation/domination of capital over labor. We discussed that despite being the activity that gives meaning to life, work is understood as degrading agent of the health of the elderly. Thus, we conclude that the social function of work in old age is to ensure a source of extraction of surplus value, conferring various negatives implications for the elderly health, even amid a contradictory game, in which there is a potential to work to contribute to health, when the whole of society is not governed by the relationship-capital.

Keywords: Work; Elderly Health; Capitalism.

Introdução

É sabido que a população idosa está se elevando. Por exemplo, a expectativa de vida dos brasileiros passou de 67 para 73,1 anos entre 1991 e 2010, com estimativa de alcançar os 74,8 anos em 2015, o que ocasionará um aumento de pessoas maiores de 60 anos na população economicamente ativa (PEA) (LOPES et al, 2006). O envelhecimento populacional, também, traz novas demandas para a saúde pública, haja vista o aumento da importância epidemiológica dos problemas mais frequentes nesta idade, bem como impactos sobre o sistema previdenciário. Segundo Kalache (2008), os Estados-nação estão tentando compreender este fenômeno, ao mesmo tempo em que buscam caminhos para manter seus cidadãos idosos socialmente e economicamente

Trabalhonecessário

Issn: 1808 - 799X

ano 13, número 22 – 2015

integrados e independentes.

Nesse contexto, apresentam-se consequências graves no âmbito social e econômico, com reflexos diretos sobre o sistema atual de financiamento da Seguridade Social, impelindo alguns trabalhadores a buscarem formas alternativas de complementação previdenciária. No caso dos idosos, dois fenômenos são destacados: para não reduzir seu padrão de vida, muitos deles são forçados a prolongar sua permanência no mercado de trabalho; outros são obrigados a retornar a este mesmo mercado para garantir condições mínimas de sobrevivência. Portanto, vem sendo observado dificuldades para o enfrentamento das novas demandas trazidas pelo envelhecimento populacional, o que gera graves implicações para a vida do idoso.

Esse contexto amplia o conjunto de razões que impulsiona os idosos a retornarem ao mercado de trabalho (ou a nem saírem dele) mesmo depois de aposentados. Isto porque, além da motivação econômica, existe uma série de implicações psicoemocionais vinculadas ao envelhecimento, cujo o cerne gira em torno do sentir-se útil, sendo o trabalho a principal estratégia construída socialmente capaz de despertar este tipo de sentimento no homem moderno/contemporâneo.

Conforme Khoury et al (2010), os principais fatores para o retorno dos aposentados ao mercado de trabalho são de natureza psicossocial, sobressaindo-se sobre os fatores de natureza econômica ou financeira. Assim, os aposentados investigados voltaram ao trabalho porque queriam se sentir produtivos (úteis), ou seja, a necessidade de aumentar a renda, embora tenha a sua importância, não foi a motivação mais relevante.

No mesmo sentido, de acordo com Brêtas (2000), Moreira (2000) e Pérez et al (2006), o idoso com atividade remunerada tem uma menor proporção de doenças crônicas, consultas médicas ou mesmo internação, associando estas variáveis a um bem estar mental e biológico. Para permanecer ou retornar ao trabalho, a saúde é considerada como principal determinante, pois, o trabalho tem

Trabalhonecessário

Issn: 1808 - 799X

ano 13, número 22 – 2015

tido visto como um processo seletivo e positivo para a preservação de uma melhor condição de saúde.

Segundo Souza et al (2003), a relação positiva entre trabalho e envelhecimento mostra que os idosos trabalhadores tendem a apresentar melhores condições de saúde que a população de idosos em geral, que incluem os desempregados, aposentados e inválidos, o que conduz a um padrão melhor de qualidade de vida.

Por sua vez, Sá et al (2011) afirmam que, contraditoriamente, a globalização e o capitalismo neoliberal vêm empobrecendo a maioria das pessoas, além de impulsionar o desemprego estrutural, fenômenos que não só pressionam a manutenção de todos os trabalhadores no mercado de trabalho, como também os impele à busca de formas adicionais de renda, como é o caso dos idosos. Corroborando, Ramos e colaboradores afirmam que as condições de trabalho atuais não foram projetadas para um novo perfil de trabalhador idoso, que provavelmente já foi submetido a condições insalubres por anos e já desenvolveu alguma doença ou limitação decorrente de tais condições.

Diante disto, esta pesquisa torna-se relevante, uma vez que enquanto estudiosos dizem que o trabalho melhora a qualidade de vida de idosos por proporcionar uma melhor condição de saúde, outros dizem que, ao contrário, que é devido ao pauperismo resultante das relações capitalistas que as pessoas estão sendo obrigadas a se manterem no mercado de trabalho ou procurar meios para aumentar a renda ou se sentir produtivos como no caso específico dos idosos e, nestas condições, o trabalho passa a ser degradante.

Assim, observamos que, apesar de o trabalho ser a atividade fundante da sociedade (MARX, 1988a; LUKÁCS, 2013), o mesmo, sob as condições históricas atuais, vem se tornando a razão da degradação humana, como apontam Lara (2011) e Souza, Melo e Vasconcellos (2015). Para o caso específico da pessoa idosa, percebemos que o histórico da vida laboral pode determinar um envelhecimento problemático, contribuindo para que a senilidade prevaleça sobre

Trabalhonecessário

Issn: 1808 - 799X

ano 13, número 22 – 2015

a senescência.

Este estudo contribui para a resolução dos seguintes questionamentos: uma vez que sabemos que o trabalho, na sociedade capitalista, consiste numa relação de exploração e degradação humana (Souza, Melo, Vasconcellos, 2015) e que, portanto, esvazia a vida das pessoas de sentido (Antunes, 2009), como poderia, então, ser o trabalho o responsável por conferir sentido à vida do idoso? Qual seria a verdadeira função social do trabalho na idade idosa, nesta sociedade? Qual a interface entre trabalho e saúde do idoso forjada no (e pelo) capitalismo?

Buscamos resolver tais questionamentos por meio de uma investigação que considere o que dizem os próprios idosos, mas que vá além, com o objetivo de compreender as relações entre trabalho e saúde na idade idosa, considerando a estrutura e a dinâmica sociais que lhes determinam.

Metodologia

Trata-se de um estudo do tipo qualitativo, realizado a partir da formação de um grupo focal de idosos. Esta técnica favorece o debate a partir de um grupo de tamanho reduzido, com o propósito de obter informações de caráter qualitativo em profundidade. O objetivo principal de um grupo focal é revelar as percepções dos participantes sobre os tópicos em discussão.

O grupo focal foi constituído por idosos da Associação de Aposentados, Pensionistas e Idosos de Arapiraca/ AL (AAPIAR). A mesma foi fundada em Setembro de 1991, tendo o objetivo de promover a defesa dos direitos da pessoa idosa, incluir socialmente, oferecer atividades culturais e de lazer, com a finalidade terapêutica e melhoria da qualidade de vida. Esta associação possui atualmente cerca de 1200 associados e desenvolve atividades diversas, sendo internas ou externas, através de grupos de música, dança e canto, além de

Trabalhonecessário

Issn: 1808 - 799X

ano 13, número 22 – 2015

atividades como hidroginástica, atendimento médico e odontológico, educativas e culturais.

Entre os critérios de Inclusão, tivemos que os idosos em estudo deveriam ser associados à AAPIAR, aposentados, com idade de 60 anos ou mais e estar presente na instituição no momento da coleta de dados. Os de exclusão foram: não possuir condições físicas ou psicológicas de participar do grupo (detectadas mediante avaliação prévia da equipe de saúde da associação em conjunto com os pesquisadores), estar pela primeira vez na instituição ou ser visitante. Foram feitas duas visitas prévias à Associação, visando familiarizar-se com a dinâmica da instituição.

A coleta de dados foi realizada em junho de 2014, através da formação de grupo focal e com base em questionário previamente elaborado. Foi realizada a caracterização individual dos participantes quanto idade, sexo, profissão, continuidade ou não da vida laboral, aposentadoria e renda. As questões subjetivas foram: O que é trabalho? Por que trabalhar? Quais os reflexos e contribuições do trabalho em sua vida? Trabalhar na terceira idade é positivo ou negativo? Por quê? Possui algum problema de saúde que você julga ter sido decorrente do trabalho? Qual? Até quando se deve (ou se deveria) trabalhar?

As falas das entrevistas foram gravadas em arquivo digital pelos pesquisadores e transcritas na íntegra. As mesmas compõem, ao longo do texto, em parágrafos destacados do texto e em itálico, tendo sido os idosos identificados através de numeração de 1 a 12, preservando suas identidades. Após apreendermos a percepção predominante do grupo, procuramos compreendê-las à luz de uma teoria geral (histórico-ontológica) da sociedade, fazendo uso, para tanto, do método de Karl Marx. Portanto, o grupo focal consistiu em etapa preliminar do estudo, um disparador da discussão, de forma a proporcionar algum nível de aproximação com os idosos.

Convém salientar que a concepção teórico-metodológica de Marx tem por base três linhas de força do pensamento moderno. A primeira consiste na filosofia

Trabalhonecessário

Issn: 1808 - 799X

ano 13, número 22 – 2015

alemã, especialmente a de Hegel, da qual Marx incorporou e reformulou a concepção dialética, com a ideia de que o objeto de estudo existe independentemente do pensamento e, por meio de observação fenomênica, promove um movimento em direção a sua essência, reproduzida em nível do pensamento. A perspectiva da totalidade sócio histórica (e de seu movimento fundado em contradições) é imprescindível na dialética marxiana, haja vista funcionar enquanto o campo de consubstanciação das relações sociais, do qual se pode decompor analítico-abstrativamente um objeto (singular), para, em seguida, recompô-lo em seu grau de ser (método de ida e volta), nas suas múltiplas determinações, considerando a relação universalidade/particularidade/singularidade (NETTO, 2011).

Outra linha de pensamento moderno importante no processo de construção do método de Marx foi o socialismo utópico francês, do qual foi incorporado a crítica ao capitalismo e a perspectiva de revolução. Porém, convém ressaltar, que Marx supera a concepção romântica dos franceses, baseando sua concepção de revolução na análise científica do processo histórico (NETTO, 2011).

Por último, observamos que a crítica à economia política clássica inglesa também está presente na base do pensamento marxiano. A partir da análise da obra de teóricos como Adam Smith e David Ricardo, Marx esclarece como ocorre o processo de valorização que está na base da sociedade capitalista. Porém, diferentemente dos dois intelectuais citados, Marx demonstra o caráter negativo e histórico deste processo, revelando que o trabalho, antes de ser produtor de valor, é responsável pela autoconstrução humana, o que confere caráter radicalmente histórico à sociedade, inclusive abrindo a possibilidade de superação da atual forma desumanizadora de trabalho (NETTO, 2011).

Aplicando o método de Marx ao nosso estudo, pudemos partir da singularidade do caso dos idosos da AAPIAR, articulando-a ao processo mais geral (na perspectiva da totalidade). Incorporamos a perspectiva de radicalidade histórica (no sentido de ir à raiz) para explicar o ideário cristalizado na sociedade

Trabalhonecessário

Issn: 1808 - 799X

ano 13, número 22 – 2015

sobre a função do trabalho na idade idosa, face à atual base e dinâmica societária. Depois, pudemos percorrer o “caminho de volta”, explicando as nuances e contradições do caso singular que tomamos por análise inicial.

A pesquisa se deu mediante submissão e aprovação do Conselho de Ética e Pesquisa (CEP), atendendo às normas éticas da Resolução Nº466, de 12 de dezembro de 2012 do Conselho Nacional de Saúde (CNS). A pesquisa teve início após a aprovação do CEP, por meio do parecer nº 692.888, autorização da AAPIAR e consentimento livre e esclarecido dos participantes.

Aproximando-se do caso singular dos idosos da AAPIAR

Após as visitas prévias de reconhecimento, foi organizado o grupo focal, tendo sido explicada, previamente, a atividade para os participantes da pesquisa. No dia da coleta, tinha-se um número de 20 associados presentes, tendo sido recrutados 12, após aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, mediante auxílio da assistente social da instituição. Destacamos que entre os doze idosos, a maioria (66,67%) era do sexo feminino, com faixa etária variando entre 60 e 75 anos, sendo 16,67% abaixo de 65 anos e 83,33% acima. Entre as profissões/ocupações prevalentes, constatamos oito vendedores informais (66,67%) e quatro agricultores (33,33%) – o que condiz com o perfil produtivo do município de Arapiraca, no qual as duas principais atividades são a agricultura e o comércio, respectivamente, embora a ordem de predominância apareça invertida entre os idosos do grupo, o que suscita indagações sobre a abrangência das instituições de assistência aos idosos residentes na zona rural (ALAGOAS, 2014). Salientamos, ainda, que todos os agricultores e metade dos vendedores permanecem trabalhando, mesmo após a aposentadoria e que todos possuíam renda familiar entre um e três salários mínimos.

Lembramos que as perguntas realizadas partem da compreensão do que

Trabalhonecessário

Issn: 1808 - 799X

ano 13, número 22 – 2015

seria o trabalho até adentrar na questão das repercussões para a saúde na idade idosa. Com este conjunto de perguntas, buscamos apreender o que seria, então, o papel do trabalho para a saúde (e a vida em geral) do idoso, chegando a uma resposta-síntese, da qual abstraímos três dimensões de análise:

- 1) O trabalho é o meio de atender as necessidades e, assim, garantir a sobrevivência humana;
- 2) O trabalho assume a condição de único fator explicativo para a vida;
- 3) Implicações para a saúde do ser idoso: bases na exploração/dominação do capital sobre o trabalho

A seguir, apresentamos a discussão de cada uma das três dimensões, considerando, para este artigo, aquilo que é comum ao grupo, o que implicou não aprofundar as diferenças dos processos particulares de trabalho, nos quais aspectos como o tipo de trabalho pode implicar em situações de saúde e sociais distintas. Ainda que não desconsideremos as diferenças, trabalhamos na seara da universalidade, inclusive nos remetendo à generalidade do processo de trabalho tal qual é realizado na sociedade vigente (na acepção marxiana), considerando a perspectiva da totalidade dialética.

O trabalho como meio de atender necessidades

O grupo de idosos apresentou convicção em apontar o trabalho como a atividade que permite a sobrevivência humana, uma vez que possibilita o acesso aos elementos que atendem as suas necessidades. Isso ficou explícito ao serem perguntados sobre o que é trabalho, como pode ser constatado a seguir, observando-se algumas respostas:

O trabalho é uma atividade, um meio para manter as necessidades (2).

O trabalho é aquilo, né, uma questão de sobrevivência (9).

Trabalhonecessário

Issn: 1808 - 799X

ano 13, número 22 – 2015

Acho que é muito importante na vida da gente, né? Porque do trabalho vem o sustento para si e para família (10).

Esta concepção foi reforçada ao responderem o porquê de se trabalhar, revelando que a questão da sobrevivência possui significativo relevo na consciência do grupo:

Por conta das necessidades, né, ai tem que trabalhar mesmo (2).
Porque a gente morria de fome, trabalhar é muito bom, eu gosto de trabalhar, e se não trabalhasse, a gente morria, passava fome! (4).
[...] acho que todos nós veio ao mundo para trabalhar e sobreviver do seu suor, do seu trabalho (10).

Ainda corroborando, procurarmos saber quais as contribuições trazidas pelo trabalho para suas vidas e, novamente, o núcleo das respostas foi a “sobrevivência”. Vejamos:

Ué! Tudo, minha sobrevivência (1).
Contribuiu para minha sobrevivência (11).

Creditamos a concepção que predomina entre o grupo à evidência do caráter universal do trabalho enquanto atividade que possibilita o atendimento das necessidades humanas. Seja qual for a forma de organização social e seja qual for a particularidade da forma de trabalho executada nesta organização, é irrefutável este caráter; evidenciando-se para os diversos grupos humanos.

Tal condição do trabalho vem sendo exaustivamente tratada pelo marxismo. Isto porque Marx tem no trabalho a categoria central da sua teoria social. Este autor define o trabalho com bastante precisão em *O Capital*:

Antes de tudo, o trabalho é um processo entre o homem e a Natureza, um processo em que o homem, por sua própria ação, media, regula e controla seu metabolismo com a Natureza. Ele mesmo se defronta com a matéria natural como uma força natural. Ele põe em movimento as forças naturais pertencentes a sua corporalidade, braços e pernas, cabeça e mão, a fim de apropriar-se da matéria natural numa forma útil para sua própria vida

Trabalhonecessário

Issn: 1808 - 799X

ano 13, número 22 – 2015

(MARX, 1988a, p. 142).

Então, é a partir da transformação da natureza que o homem obtém os produtos que são úteis para sua vida (valores de uso), satisfazendo suas necessidades. Tal caráter se mantém universal na evolução humana, não simplesmente por uma decisão do homem, mas por uma condição ontológica que o próprio Marx, e também Lukács, explicam.

Lukács (1981), com base em Marx, afirma que o resultado do trabalho vai além do valor de uso. Ou seja, devido ao pôr teleológico, o trabalho proporciona mais que uma mera transformação, proporciona um intercâmbio entre homem e natureza. Assim, o homem ao transformar a natureza, também se transforma, complexificando-se como ser, afastando as barreiras naturais e estabelecendo-se como ser social. Analisemos com mais calma. Marx afirma que

Uma aranha executa operações semelhantes às do tecelão, e a abelha envergonha mais de um arquiteto humano com a construção dos favos de suas colmeias. Mas o que distingue, de antemão, o pior arquiteto da melhor abelha é que ele construiu o favo em sua cabeça, antes de construí-lo em cera. No fim do processo de trabalho obtém-se um resultado que já no início deste existiu na imaginação do trabalhador, e, portanto, idealmente (MARX, 1988a, p. 142-3).

Claramente, Marx está diferenciando a transformação empreendida pelo homem daquela que fazem os outros animais, e isto devido ao pôr teleológico, a ação orientada por um fim previamente ideado. O homem, pelo trabalho, alcança um novo patamar, distinto dos outros seres meramente naturais. Sua complexificação é crescente, enquanto ente coletivo e, portanto, enquanto sociedade. O trabalho é sempre coletivo; o produto do trabalho individual traz marcas do patrimônio coletivo e, ao ser objetivado, deixa de ser individual. Assim, passa a ser base para novas possibilidades e novas necessidades para os outros, num processo de autoconstrução da humanidade, em seu conjunto.

Trabalho *necessário*

Issn: 1808 - 799X

ano 13, número 22 – 2015

Cabe frisar que, novas possibilidades e novas necessidades vão requerer que o homem dê origem a novas atividades capazes de concretizá-las e satisfazê-las. Tais atividades não se limitam ao intercâmbio com a natureza, mas atuam no intercâmbio entre consciências, enriquecendo o fazer humano. Expressão desta condição é o surgimento da ciência, da arte, da política, do direito, da ética etc. De fato, o resultado do trabalho vai muito além do valor de uso cristalizado no produto. Por ser a atividade que está na base do processo de humanização (tornar-se humano), o trabalho é universal, ineliminável da história humana, sendo sempre a forma original de atender as necessidades humanas, sobreviver e viver, determinando a crescente complexificação social (LUKÁCS, 2013).

Por conseguinte, o grupo de idosos, de alguma forma, apreende o caráter do trabalho, enquanto atividade basilar para o atendimento das necessidades humanas, mesmo que não apreenda o processo que se desdobra daí em sua totalidade. Esta parcialidade de apreensão é bastante significativa sobre como se organizam as coisas no capitalismo, considerando que, como o próprio Marx esclarece, o caráter universal do trabalho comparece de modo alienado sob a égide do capital.

Desse modo, consegue-se identificar a relação entre trabalho e necessidades, contudo prevalece a consciência fetichizada sobre quais seriam estas necessidades, sendo elas definidas pela dinâmica mercantil, típica do capitalismo. Assim, o trabalho não é puramente apreendido em seu caráter universal, mas como uma mediação para obtenção do elemento com o qual se obtém os produtos que satisfazem necessidades: o dinheiro. Implicitamente, desloca-se uma condição que é própria do trabalho, atribuindo-lhe ao dinheiro/mercadoria. Isto é reproduzido nas respostas sobre as contribuições do trabalho para a vida:

Não gosto sinceramente de trabalhar, gosto é de dinheiro, se eu tivesse muito dinheiro, não precisava trabalhar (3).

Trabalhonecessário

Issn: 1808 - 799X

ano 13, número 22 – 2015

Eu acho assim, para beneficiar [...] comprar o que precisa, né? (5).

Contribui em tudo, tudo quanto tenho veio do trabalho. Eu não tinha casa, hoje tenho (7).

É, eu arrumei minhas coisas através do trabalho (8).

Fica evidente que o objetivo mercantil domina as ações do trabalho e, assim, domina o próprio trabalhador. Todavia, devemos considerar que não se trata de uma escolha individual, mas das imposições do sistema que foi construído coletivamente ao longo da história. Logo, para se viver nesta sociedade, para se tornar ente sociabilizado, deve-se ter acesso ao mercado, e isso só se efetiva sob posse de dinheiro e/ou mercadorias.

Lembremos que, quando do fim do feudalismo, a sociedade passa a ser cindida em duas novas classes sociais: os possuidores dos meios de produção (capitalistas) e os não possuidores (trabalhadores). Data daí o início de um novo tipo de exploração econômica, baseada na extração de mais-trabalho promovida pelos capitalistas para com os trabalhadores, movida pela produtividade crescente e a concorrência privada entre os capitais individuais (MARX, 1988b). Além disso, o eixo organizador da vida passa a ser as relações mercantis e, por conta disto, o trabalhador se vê forçado a vender a única coisa que lhe resta (sua força de trabalho), sob a pena de não ter acesso à vida social, mesmo que esta condição compareça escamoteada como uma livre escolha (MARX, 1988a).

Com isso, o trabalho passa a ser subordinado a uma particularidade histórica (exclusiva do capitalismo): ao invés de ser a atividade que satisfaça, livremente, as genuínas necessidades humanas, converte-se em meio de atender as necessidades do mercado, a fim de perpetuar a cisão entre proprietários e não proprietários (com acúmulo de riqueza em um polo e o pauperismo noutro). Logicamente, para o próprio mercado se reproduzir, ele necessita atender parte das necessidades humanas, contudo nega outras tantas.

Há, portanto, uma subordinação das necessidades humanas às necessidades do mercado, do valor de uso ao valor de troca, e isto reduz a

Trabalhonecessário

Issn: 1808 - 799X

ano 13, número 22 – 2015

complexidade do trabalho humano à condição de um trabalho humano igual/abstrato, cujo produto passa a ser identificado apenas em seus elementos quantitativos definidores do seu valor de troca, apagando-se a variedade qualitativa que marcam a sua utilidade. Por tais razões, o trabalho no capitalismo, realizado mediante a mercadorização da própria força de trabalho, é trabalho abstrato (MARX, 1988a).

Ademais, como muito bem apontam outros autores marxistas, nasce um novo fenômeno das circunstâncias criadas no capitalismo (baseado no trabalho assalariado/abstrato): o pauperismo. Pimentel (2007) afirma que, anteriormente (nas sociedades pré-capitalistas), não se tinham os meios de produção suficientes às necessidades de todos, logo não existia pauperismo e sim carência. Nos dias atuais, ao contrário, há meios de produção que permitem o atendimento das necessidades de todos, no entanto, a sociedade capitalista se mantém por meio da exploração do homem pelo homem e, por isso, há a negação de parte das necessidades dos explorados. Assim, conforme descreve Marx (1988), o pauperismo se engendra nesta relação desigual conformada no mundo do trabalho, que, ao mesmo tempo, produz riqueza (abundância produtiva) e pauperização (relativa ou absoluta) da massa que produziu esta mesma riqueza.

Diante disso, os trabalhadores se encontram imersos numa forma de organização da vida social na qual o trabalho comparece, em sua forma imediata, como forma de atender necessidades, mas aquelas selecionadas pelo mercado, mediante a obtenção de dinheiro (salário). Assim o conjunto dos trabalhadores não tem tantas alternativas: para se sociabilizarem são impelidos a venderem sua força de trabalho, na luta por escapar da pauperização, sem perceber que a causa da mesma está arraigada no próprio trabalho (abstrato). Tal caráter também se reproduz, como vimos, na fala do grupo de idosos, enquanto expressão da universalidade do ser social.

Issn: 1808 - 799X

ano 13, número 22 – 2015

O trabalho assume a condição de único fator explicativo para a vida

Para que a dinâmica capitalista se desenrole e se reproduza de modo permanente é preciso que a exploração da classe trabalhadora seja mascarada e legitimada, o que ocorre graças aos mecanismos de dominação abstrata engendrados na própria dinâmica em questão. Isto implica uma aceitação do tipo de trabalho tipicamente capitalista, que como já apontamos, conduz a humanidade para um abismo entre ricos e pobres e, desta forma, configura-se no avesso de sua condição ontológica: mesmo sendo a atividade fundante da humanização, passa a degradar a humanidade.

Essa aceitação cristaliza-se no ideário social, passando a dominar a vida dos indivíduos. Em outras palavras, a vida passa a ser explicada e justificada apenas pelo trabalho. Ou ainda, o sentido de toda vida social é representado pelo trabalho, rebaixando-se ou até negando-se outras esferas da vida social. As falas dos idosos deixam transparecer esta condição na sua concepção sobre o que é trabalho:

O trabalho para mim é um divertimento, um preenchimento para minha vida (4).

O trabalho é tudo na vida, né (6).

O trabalho é um dever, é uma obrigação da gente, se não a gente não é nada na vida (8).

Apresenta-se, portanto, uma concepção que reduz a vida ao trabalho, o que se deve a sua subordinação à dinâmica mercantil e, como já esclarecido, apenas o trabalho possibilita ao trabalhador fazer parte desta dinâmica. Cria-se um horizonte ao qual o trabalhador é forçado a perseguir, sendo que dificilmente o alcança. Este processo repousa sobre um processo de dominação abstrata exercida pela “forma mercadoria”, a qual Marx chamou de “fetichismo da mercadoria”. Gorender, ao comentar sobre esta categoria marxiana, afirma:

Trabalhonecessário

Issn: 1808 - 799X

ano 13, número 22 – 2015

Por conseguinte, a teoria marxiana conduz à desmistificação do *fetichismo* da mercadoria e do capital. Desvenda-se o caráter alienado de um mundo em que as coisas se movem como pessoas e as pessoas são dominadas pelas coisas que elas próprias criam. Durante o processo de produção, a mercadoria ainda é matéria que o produtor domina e transforma em objeto útil. Uma vez posta à venda no processo de circulação, a situação se inverte: o objeto domina o produtor (GORENDER, 1996, p. 34, grifo da obra).

Como consiste num processo de dominação, tal condição não se encontra passível de acesso imediato à consciência humana, apenas sendo desvendada pela reflexão dialética feita sobre o processo histórico (POSTONE, 2006). Essa subsunção da vida ao trabalho mercantilizado se engendra a partir do fetichismo, mas por dominar todos os âmbitos da vida, constitui um processo mais genérico denominado, por Marx, de alienação (ou estranhamento). Assim, o ser humano estabelece uma relação de estranhamento com os produtos da própria mão humana, que passam a dominar-lhe e determinar o rumo que o conjunto da sua vida deve seguir.

Duayer (2012), baseando-se em Marx e Postone, argumenta que, apesar de o trabalho ser atividade ontologicamente fundante da vida social, é só no capitalismo que ele passa a exercer uma força fetichizante sobre os seres humanos. Isto é, o homem sempre trabalhou e sempre trabalhará, mas é no capitalismo que o trabalho passa a ser o requisito para que ele pertença a sociedade e, assim, sua vida seja preenchida de sentido.

Como visto, o fundamento de tal condição está no fato de as relações mercantis serem o eixo organizador da vida social: a mercadoria (criatura) domina o seu criador (o homem). Trabalhamos não apenas para atender as nossas necessidades, mas para atender as necessidades do mercado. Nas sociedades pré-capitalistas, apesar de existirem relações mercantis, elas não eram a relação social hegemônica e, portanto, não exerciam essa força alienadora sobre os homens, reduzindo-os a meros produtores de mercadorias (trabalhadores).

No capitalismo, outras atividades e outras relações sociais são sufocadas

Trabalhonecessário

Issn: 1808 - 799X

ano 13, número 22 – 2015

pelo trabalho produtor de mercadorias, distanciando-se da maioria dos homens, que ficam, assim, com seu pleno desenvolvimento humano comprometido. Nossa vida e nosso tempo passam a ser dominado pelas necessidades do mercado, qual seja: produtividade crescente e, portanto, trabalho cada vez mais produtivo. Tal condição chega ao ponto de que o nosso tempo livre acaba sendo cada vez mais cedido ao tempo de trabalho e, assim, outras dimensões da vida, como o próprio lazer, acabam sendo reificadas, sob a forma de se confundirem com trabalho (POSTONE, 2006; DUAYER, 2012). Isto pode ser também identificado em algumas falas durante a realização do grupo focal:

O trabalho para mim é um divertimento, um preenchimento para minha vida (4).

Pra mim é um divertimento (7).

(...) porque é bom demais trabalhar, o cara se diverte (12).

Ressaltamos aqui que não se trata de negar a possibilidade de sentir prazer ao trabalhar, tão pouco de culpabilizar o indivíduo que concebe trabalho como lazer, mas de um processo histórico de produção da consciência coletiva que aliena o homem de suas dimensões plenamente humanas, coisificando-o.

Ademais, essa questão da dominação do tempo é fundamental para a perpetuação do capital, que só se faz por meio da acumulação e, portanto, da extração contínua de mais-valia. Quanto mais tempo de vida é cedido ao trabalho, maior o tempo de trabalho excedente e maior o acúmulo de capital. Tal exigência acaba sendo muito bem atendida através da apropriação da idade idosa pelo capital, camuflada sob a máscara de incluir o idoso no mercado de trabalho para torná-lo ativo. Trata-se de um discurso já cristalizado entre os próprios idosos, como observado quando respondem se, caso pudessem optar, continuariam trabalhando e se o trabalho na idade idosa é positivo ou negativo:

Tendo condições eu quero trabalhar. (1)

Ah, se eu pudesse, trabalhava, mas não posso, é só a vontade.
(2)

Trabalhonecessário

Issn: 1808 - 799X

ano 13, número 22 – 2015

Trabalhava, porque é bom, trabalhar eu acho bom, é uma atividade muito boa [...]. (4)

Positivo, porque é bom para mente. (10)

É positivo, negativo não, porque uma coisa que serve para gente não pode ser negativo. (11)

Positivo, o trabalho sempre é positivo na vida da gente [...] desde, como digo, que você tenha saúde [...] pra dar continuação. (12)

Ressaltamos ainda, que o trabalho em si (na sua essência) não é o problema. Repitamos: o trabalho é a atividade fundante da sociedade e, desse modo, eternamente necessário à autoconstrução humana. O problema reside no trabalho tal qual ele se configura no capitalismo e nos resultados que produz para a vida social. O trabalho plenamente livre proporcionaria o desenvolvimento das outras dimensões humanas, aumentando nosso tempo livre a ser empregado em diversas outras atividades. Mas o trabalho não livre, alienante, como o é no capitalismo, produz o contrário: homens escravos, mesmo que inconscientemente, do trabalho. Ou seja,

A liberdade real [...] significa autorrealização, e não a escravização dos sujeitos ao trabalho como compulsão externa, seja em forma de dominação e subordinação pessoal, seja em forma abstrata. Nessas formas de trabalho forçado externo, o trabalho não pode aparecer como *liberdade* e *felicidade*. [...] para Marx, o trabalho efetivamente livre tem por pressuposto o desenvolvimento da produtividade do trabalho e, em consequência, a progressiva redução do trabalho vivo requerido, mesmo com a expansão e diversificação das necessidades que emergem do próprio desenvolvimento. O tempo livre criado em contrapartida é tempo crescente que pode ser dedicado a outras atividades (DUAYER, 2012, p. 44, grifo da obra).

Além disso, convém deixar claro de que somos defensores ferrenhos de que o idoso tenha uma vida ativa e oportunidades adequadas as suas necessidades. Não se trata aqui de negar isto. As descobertas no campo da geriatria, gerontologia e saúde do idoso devem ser respeitadas quanto a isso e comparecem de forma precisa ao alertarem para a necessidade de o idoso ser ativo. Contudo, o capital se apropria deste conhecimento, de forma a esconder

Trabalhonecessário

Issn: 1808 - 799X

ano 13, número 22 – 2015

que, para o idoso (e para o homem em geral), não restam muitas alternativas de vida, a não ser trabalhar, configurando-se numa fonte de mais-valia.

Concordamos, portanto, que o fato de se negar, por exemplo, a dar emprego a alguém por ele ser idoso é algo extramente preconceituoso e condenável. Porém, é preciso explicitar o que está por traz do fato de o idoso precisar, irredutivelmente, deste emprego. É necessário fazer a crítica para além do benefício imediato e observar que estamos diante de uma dominação do capital (e da sua forma de trabalho correspondente) para com a totalidade da nossa vida.

Assim, em outra forma de sociabilidade, com outra forma de trabalho (não alienante), nada há de ruim no fato de o idoso, dentre outras coisas, também trabalhar, mediante a sua livre escolha. Por conseguinte, nossa crítica nada tem de semelhante com a negação de oportunidades para o idoso; pelo contrário, estamos na defesa da liberdade do ser idoso perante o capital.

Implicações para a saúde do ser idoso: bases na exploração/dominação do capital sobre o trabalho

Diante da dinâmica do trabalho atualmente, sabemos que muito se discute sobre o aumento, por exemplo, das psicopatologias e das doenças ocupacionais agravadas por esse processo (trabalho x capital), de modo que podemos constatar também por meio da percepção do grupo focal, quando questionado se existem doenças que seriam resultado do seu trabalho:

Pois eu acho que no meu caso, foi sim, dos problemas dos meus osso, foi do meu trabalho na agricultura. (2)

Ah, sim, sim, até hoje sinto muito dor nas pernas. (3)

Olha, eu tive um derrame e acredito que foi por conta do estresse que eu tinha as vezes no meu serviço. (5)

Ah, o problema de coluna foi, foi decorrente do meu trabalho. (8)

Olha, deu AVC em mim, aí foi que eu parei de trabalhar, eu tava

Trabalhonecessário

Issn: 1808 - 799X

ano 13, número 22 – 2015

trabalhando, mas me recuperei sem pedir nada a ninguém, eu consegui! (12)

É preciso frisar que se trata de uma condição que não é exclusiva dos idosos, uma vez que o trabalho é reconhecido como partícipe importante do processo saúde-doença dos indivíduos (DIAS, 2001). Contudo, na idade idosa temos circunstância que podem agravar os efeitos do trabalho para saúde, uma vez que o indivíduo nesta idade apresenta um desgaste fisiológico natural e que pode sofrer interferência de diversos fatores cotidianos, inclusive do trabalho. Além disso, deve-se considerar que o tempo de exposição é uma das variáveis determinantes para o surgimento dos efeitos do trabalho na saúde. Assim, na idade idosa, muitas vezes há um contexto regresso de exposição a cargas e elementos degradantes que manifestam seus efeitos tardiamente, determinando uma terceira idade repleta de complicações.

Trata-se, portanto, de um processo produzido socialmente, com particularidades significativas para o ser idoso. Devemos lembrar que o debate sobre saúde do trabalhador na perspectiva marxista já vem, há algum tempo, destacando este caráter social. Nesta perspectiva, o trabalho é compreendido não apenas como um elemento partícipe do processo saúde-doença dos homens, mas como a atividade essencialmente determinante – nem a única determinante, nem uma dimensão de mesmo *status* das outras, mas aquela que se coloca preponderante (LAURELL, 1982; SOUZA, MELO, VASCONCELLOS, 2015).

Dessa forma, entendemos que a esfera biológica do ser idoso deve ser levada em consideração quando se trata do processo saúde-doença; no entanto, não podemos deixar de considerar as condições gerais de reprodução social, que são determinadas pelo “mundo do trabalho”. Assim, o trabalho precisa ser entendido para além da condição de um fator de risco, dado o seu papel fundamental para o processo saúde-doença.

Partindo do caso singular do grupo de idosos, entendemos que ao longo da vida laborativa, o trabalho despenhado provocou/agravou as doenças físicas hoje

Trabalhonecessário

Issn: 1808 - 799X

ano 13, número 22 – 2015

existentes e que, apesar das novas tecnologias, não houve alívio da carga de trabalho nem tampouco elevou-se a autonomia na execução das atividades; pelo contrário, intensificou-se o ritmo e as exigências, interferindo negativamente nas alterações físicas e cognitivas que o envelhecimento por si só traz, o que contribui substancialmente para a condição de senilidade.

Ainda que o fato de o idoso estar em algum tipo de atividade (não necessariamente laborativa) seja, sem dúvida, positivo para a saúde (BRÊTAS, 2000; MOREIRA, 2006; PÉREZ et al, 2006; SOUZA et al, 2003) – o que foi incorporado/reformulado pela ideologia forjada pelo capitalismo, estabelecendo que a melhor atividade para tal propósito seria o trabalho produtivo (abstrato) – é preciso destacar que tanto o manter-se ativo quanto o sentir-se útil estão, majoritariamente, quando sob a forma de trabalho abstrato, subordinados ao caráter degradante do processo produtivo (no sentido de produção de mais-valia). Esta dimensão do trabalho abstrato precisa ser considerada pelos estudos em saúde do idoso, eliminado o risco de reproduzir a tergiversação cristaliza no ideário social.

Souza, Melo e Vasconcellos (2012, p. 122, grifo da obra) aponta o caráter contraditório da relação trabalho-capital-saúde. Dizem o autores:

[...] a 'questão' se move apoiada numa “contradição” tipicamente capitalista (especialmente evidente na origem de cada reordenação da esfera produtiva), qual seja: o capital não pode prescindir da exploração sobre o trabalho (porquanto esta seja a sua razão de ser). Essa exploração determina a ameaça permanente das condições de saúde da classe trabalhadora e, por conseguinte, do trabalho como um todo, o que põe em xeque o próprio capital. O capitalismo produz a 'questão', mas ela se insere nesse modo de produção, enquanto uma “contradição” que o move e que o justifica, ao mesmo tempo em que lhe ameaça, sendo o seu ocaso.

Constatamos que este caráter contraditório é reproduzido pelos idosos participantes da pesquisa, mesmo que de modo mediato. Analisemos uma das

Trabalhonecessário

Issn: 1808 - 799X

ano 13, número 22 – 2015

falas:

Trabalhar para a saúde, sinto-me feliz, é bom acordar de manhãzinha e saber para onde vai, amanhecer o dia e não saber para onde vai é doença. (7)

Ao se perguntar sobre a razão a qual se deve trabalhar, a resposta obtida remete à saúde e à felicidade, mesmo que, concomitantemente, se reconheça que o trabalho proporcione adoecimento. Aqui devemos destacar algumas mediações prováveis entre o movimento real da sociedade e aquilo que é apreendido pelos indivíduos (neste caso, os idosos): há uma mistificação ao redor do trabalho em geral, suscitando formas e condições de trabalho idealizadas, almejadas pelo indivíduo e identificadas com saúde e felicidade. O que não exclui a possibilidade deste mesmo indivíduo, a partir da análise do seu trabalho em específico, observar efeitos negativos para saúde, ao mesmo tempo que, contraditoriamente, tenta concretizar seu desejo de trabalho feliz e saudável.

Ainda que não se alcance a determinação mais profunda deste processo contraditório (qual seja: a subordinação do trabalho ao capital), o caráter contraditório se reproduz na consciência coletiva, como no caso do grupo aqui estudado. Assim, comparecem duas concepções sobre o trabalho, ambas verdadeiras, apesar de conflituosas:

a) A primeira, aquela do trabalho idealizado, que, a nosso ver, depende da emancipação humana perante o capital. Tal concepção faz alusão a um processo de humanização plena do homem, o que implica saúde, prazer e felicidade. Esta condição é intrínseca ao trabalho, ou seja, é condição ontológica. Trabalho na sua essência é isto. O fato de tal condição está sufocada por uma particularidade histórica, consiste noutra questão.

b) A segunda concepção: a do trabalho como ele é no capitalismo. A forma específica de trabalho do capitalismo é aquela que degrada a saúde humana e, portanto, vai ao sentido oposto à condição ontológica do trabalho em si. Através dos mecanismos de dominação já discutidos aqui, o caráter particular deste

Trabalhonecessário

Issn: 1808 - 799X

ano 13, número 22 – 2015

trabalho prevalece sobre o caráter ontológico.

Como mais um bom exemplo dessa contradição, observamos que os idosos, mesmo após terem chegado a conclusão de que seus problemas de saúde, em grande medida, são resultado do trabalho, afirmam que se deve continuar trabalhando até as últimas consequências. Dizem eles:

[...] eu acho que se eu tivesse saúde, eu tava trabalhando ainda [...] quando a pessoa tem saúde, você tem disposição para trabalhar, mas quando a saúde é pouca de trabalhar, aí vem as doenças. (2)

Eu acho que até quando não puder aguentar mais, eu penso que é muito bom trabalhar, é ter mais saúde, a pessoa parada a saúde fica muito pouca.”(7)

Até as forças da gente pedir para a gente parar, enfim até quando tiver saúde. (12)

Constatamos que, mesmo o trabalho sendo uma das razões que degradam a saúde, gostar-se-ia de trabalhar até quando se tivesse saúde. Ou seja, não basta trabalhar até certa fase da vida e, portanto, reservar um pouco de saúde para outras atividades e relações sociais. Comparece aí, uma concepção de que a saúde deve ser totalmente entregue ao trabalho; isto é, enquanto sobrar um pouco que seja de saúde deve-se trabalhar firmemente.

Neste ponto da discussão, entrelaça-se todas as questões já discutidas, uma vez que trabalhar até as últimas consequências implica ainda ter necessidades (mercantis) a serem atendidas, buscar sentido para sua vida (sentir-se útil) e sentir-se partícipe das relações sociais. Se para isso sacrifica-se a saúde, não parece ser uma questão tão decisiva, uma vez que o processo se universalizou e todos vão e devem passar por isso.

Para essa condição, mais uma vez é decisiva a questão do estranhamento/dominação abstrata. Apenas com esse mecanismo de dominação é possível se criar uma consciência coletiva que idolatre e possibilite uma entrega do seu tempo/da sua vida a uma forma de trabalho que é desumana e degradante, ao ponto de colocar sua própria saúde num plano de menor

Trabalhonecessário

Issn: 1808 - 799X

ano 13, número 22 – 2015

relevância (mesmo que sem ter a plena consciência disto).

Assim, recordamos a argumentação de Postone (2006), quando destaca a força abstrata que o capital exerce sobre os indivíduos, gerando uma vida social que se resume ao trabalho e que, portanto, não faz sentido fora dele. Em perspectiva similar, Antunes (1999, p. 175 , grifos da obra) corrobora:

[...] uma vida cheia de sentido *fora* do trabalho supõe uma vida dotada de sentido *dentro* do trabalho. Não é possível compatibilizar trabalho *assalariado, fetichizado e estranhado* com *tempo (verdadeiramente) livre*. Uma vida desprovida de sentido no trabalho é *incompatível* com uma vida cheia de sentido fora do trabalho.

Por conseguinte, esta forma de trabalho não pode conferir sentido a vida; ao contrário, uma vida plena de sentido depende da superação da mesma. Mais precisamente nos remetendo a questão do idoso no mercado de trabalho, devemos antes de tudo, entender que com o envelhecimento populacional e o aumento acentuado de aposentadorias, têm-se formulado estratégias para “atenuar tais problemas”, evidenciadas por meio de políticas públicas e mudanças no sistema previdenciário, a partir das quais fica claro que a finalidade não é simplesmente conferir, por exemplo, melhor qualidade de vida às populações, mas também, e diríamos que principalmente, atingir metas relacionadas ao setor econômico e, conseqüentemente, garantir/ampliar a produção de mais valia.

Como processo determinante da saúde dos idosos, encontramos, portanto, um entrelaçamento de exploração e dominação, criado pelos próprios homens, mas que os “aprisiona”, resultando na degradação da saúde em geral e, especialmente, dos grupos mais suscetíveis, como os idosos.

Considerações finais

Acreditamos ter contribuído para esclarecer a função social do trabalho abstrato e sua interface com a saúde do idoso. Vimos que o trabalho (abstrato) nesta fase de vida visa, sobremaneira, a garantia de mais uma fonte de extração de mais-valia, o que se desdobra numa série de implicações para a saúde do idoso, mesmo em meio às contradições propagadas pela tergiversação do envelhecimento ativo simplista (aquele que idolatra o mercado de trabalho). Ressaltamos que o fato de idoso trabalhar, por si só, não configura algo negativo e/ou passível de crítica, nem tampouco estamos defendendo a passividade do idoso. Ao contrário disto, defendemos a livre atividade do ser idoso, podendo desfrutar, plenamente, de todas as potencialidades que adquiriu ao longo da vida.

O cerne da questão, portanto, é compreender que o tipo de trabalho hoje predominante, voltado para atender às necessidades do mercado (o que relega, muitas vezes, as reais necessidades humanas) só pode produzir degradação e, não, saúde, ainda que em meio a um jogo dialético no qual comparecem alguns efeitos psicoemocionais – no sentido do idoso sentir-se útil – pontualmente positivos.

É sabido que o modo como o trabalho hoje é configurado vem conseqüentemente degradando a saúde e o bem-estar dos trabalhadores, elevando-se o índice de adoecimento, sendo por esforços repetitivos e acidentes de trabalho ou pelo estresse e demais formas de desgaste mental. Contraditoriamente, a mesma atividade que dá origem ao processo de humanização (e, portanto, contribui para a saúde), acaba sendo a responsável (sob os ditames do capital) pela desumanização e degradação da saúde.

Assim, partindo do caso singular dos idosos à totalidade social, segundo os fundamentos marxianos, entendemos que ao longo da vida laborativa, o trabalho tem sido o responsável (ou, ao menos, contribuindo significativamente) para as doenças hoje mais evidenciadas na idade idosa. Devemos rever os conceitos de

Trabalhonecessário

Issn: 1808 - 799X

ano 13, número 22 – 2015

idoso ativo em suas múltiplas dimensões na sociedade capitalista, devemos entender a dinâmica do trabalho para melhor entender o processo saúde-doença das pessoas nele inseridas. Não obstante, trabalhar seria algo meramente positivo, em qualquer idade, se as pessoas tivessem condições dignas, plenamente humanas, para tal atividade. Porém, isto implica lutar pela emancipação humana, criando as possibilidades para o trabalho livre, associado e, verdadeiramente, humano.

Referências

- ALAGOAS. Secretaria de Estado da Saúde (SESAU)/Superintendência de Vigilância em Saúde/Diretoria de Análise da Situação de Saúde. **Saúde Alagoas: Análise da situação de saúde. 7ª região.** Maceió: Secretaria de Estado da Saúde, 2014.
- ANTUNES, R. **Os Sentidos do Trabalho.** Ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. São Paulo: Boitempo, 1999.
- BRÊTAS, A. C. P. **Envelhecimento, saúde e trabalho:** um estudo com aposentados e aposentadas. *Acta Paulista de Enfermagem*, v. 13, n. 1, p. 66-79, 2000.
- CAMILO, D. I. S. **“Na saúde e na doença até que a morte os separe”** : trabalho e saúde nos tempos do capital. 2012. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Faculdade de Serviço Social da Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2012.
- COSTA G, SARTORI S. Ageing, working hours and work ability. *Ergonomics*. v. 50, n. 11, p. 1914-30, 2007.
- DIAS, E. C. (org). **Doenças relacionadas ao trabalho:** manual de procedimentos para os serviços de saúde. Brasília: Ministério da Saúde/Organização Pan-americana de Saúde, 2001.
- DUAYER, Mario. Marx e a crítica ontológica da sociedade capitalista: crítica do trabalho. *Em pauta*, v. 29, n. 10, p. 35-47, 2012.
- GORENDER, J. Apresentação. In: **O Capital:** crítica da economia política. Livro primeiro Tomo I. 5ª ed. São Paulo: Nova Cultural, 1996.
- KALACHE, A. O mundo envelhece: é imperativo criar um pacto de solidariedade social. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 13, n. 4, p. 1107-1111, 2008.
- KHOURY, H. T. T. et al. Por que aposentados retornam ao trabalho? O papel dos fatores psicossociais. *Revista Kairós Gerontologia*, v. 13, n. 1, 2010.
- LARA, R. Saúde do trabalhador: considerações a partir da crítica da economia

Trabalhonecessário

Issn: 1808 - 799X

ano 13, número 22 – 2015

política. **Katálysis**, v. 14, n. 1, 2011.

LAURELL, A. C. La salud-enfermedad como proceso social. **Revista Latinoamericana de Salud**, v. 2, 1982.

LUKÁCS, G. **Para uma ontologia do ser social I**. São Paulo: Boitempo, 2012.

MARX, K. **O Capital**: crítica da economia política. Livro primeiro Tomo I. 3ª ed. São Paulo: Nova Cultural, 1988a.

MARX, K. **O Capital**: crítica da economia política. Livro primeiro, Tomo II. 3. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1988b.

MARX, K; ENGELS, F. **A ideologia alemã**. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

MOREIRA, M.M.S. **Trabalho, qualidade de vida e envelhecimento**. Dissertação (mestrado em Saúde Pública). 2000. Centro de Estudos da Saúde do Trabalhador e Ecologia Humana, Escola Nacional de Saúde Pública da Fundação Oswaldo Cruz, 2000.

NETTO, J. P. **Introdução ao estudo do método de Marx**. São Paulo: Expressão popular, 2011.

PÉREZ, E.R.; WAJNMAM, S.; OLIVEIRA, A.M.H.C. Análise dos determinantes da participação no mercado de trabalho dos idosos em São Paulo. **Revista Brasileira de Estudos de População**, v. 23, n. 2, p. 269-86, 2003.

POSTONE, M. **Tiempo, Trabajo y Dominación Social**: una reinterpretación de la teoría crítica de Marx. Barcelona: Ediciones jurídicas y sociales, 2006.

RAMOS, E. L; SOUZA, N. V. D. O.; CALDAS, C. P. Qualidade de vida do idoso trabalhador. **Revista de Enfermagem da UERJ**, v. 16, n. 4, p. 507-511, 2008.

SÁ, C. M. S.; SOUZA, N. V. D. O.; CALDAS, C. P. C.; LISBOA, M. T. L.; TAVARES, K. F. A. O idoso no mundo do trabalho: configurações atuais. **Cogitare Enfermagem**, v. 16, n. 3, p. 536-542, 2011.

SOUZA, L.; GALANTE, H.; FIGUEIREDO, D. Qualidade de vida e bem-estar dos idosos: um estudo exploratório na população portuguesa. **Revista de Saúde Pública**, v. 37, n. 3, p. 364-371, 2003.

SOUZA, D. O.; MELO, A. I. S. C; VASCONCELLOS, L. C. F. A saúde dos trabalhadores em “questão”: anotações para uma abordagem histórico-ontológica. **O Social em Questão**, v. 18, n. 34, p. 107-136, 2015.

Recebido em: 01 de dezembro de 2015.

Aprovado: 09 de dezembro de 2015.